



HORTA NA ESCOLA: INTEGRANDO AGROECOLOGIA E EDUCAÇÃO DO CAMPO.

Luany Gabriely da Silva ¹; Ana Paula Pereira do Nascimento¹; Francisca das Chagas de Oliveira ²;
Talita Geórgia da Cunha ³; Monalisa Porto Araújo ⁴

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - Campus Ipanguaçu,
luany1920@hotmail.com

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - Campus Ipanguaçu,
anapaulaipan@gmail.com

²Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - Campus Ipanguaçu,
franoliveira1-@hotmail.com

³Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - Campus Ipanguaçu,
talita.georgia@hotmail.com

⁴Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - Campus Ipanguaçu,
monalisa.porto@ifrn.edu.br

RESUMO

O estudo traz apontamentos referentes a horta na escola como elemento que possibilita a integração entre a Agroecologia e a Educação do Campo. A demanda de discussão e de ação parte do grupo de Pesquisa COLETIVO TERRES (Terra, Educação e Saberes), que vem expandindo o processo de formação dos discentes e docentes do IFRN-campus Ipanguaçu, por meio da tríade ensino, pesquisa e extensão considerando as temáticas em relação: Educação do campo, Educação Popular, Educação ambiental, Tecnologia Social e Práticas Agroecológicas. Este estudo foi desenvolvido com base na práxis educativa do Grupo, buscando responder à questão de como a horta escolar pode contribuir para a integração entre Educação do Campo e Agroecologia nas escolas localizadas no campo? Diante disso, objetivamos refletir sobre as possibilidades de integração da Educação do Campo e Agroecologia. O estudo foi construído a partir de pesquisas bibliográficas e pesquisa empírica, sustentando a argumentação teórica de que a Educação do Campo, como metamorfose contemporânea da Educação Popular, se constrói quando integra valores da produção campestre ligados à Agroecologia. Para isso, aplicamos um questionário a dois educadores de duas escolas públicas municipais das comunidades de Tabuleiro Alto e Picada ambas localizadas em Ipanguaçu-RN. O estudo parte das percepções dos monitores de agroecologia das duas escolas mencionadas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Popular do Campo; Horta escolar; Sustentabilidade.

INTRODUÇÃO

A horta implantada no ambiente escolar é um laboratório aberto que permite o desenvolvimento de várias atividades pedagógicas em agroecológica ligando teoria e prática, auxiliando no processo de ensino/aprendizagem e fortalecendo identidades ligadas a produção campestre, ao trabalho coletivo e estratégias de reciprocidade e solidariedade. Esses são elementos fundamentais para a defesa de construção de uma escola popular do campo.



A implantação da horta fez com que os alunos e educadores apreendessem a importância da terra e de seus frutos, fazendo com que todos aprendessem a respeitar a cultura campesina e o intenso trabalho dos sujeitos do campo, o qual é de suma importância para nós enquanto atores desse processo de ensino/aprendizagem.

Nesse sentido, é necessária uma educação do campo que contribua para que a comunidade possa ter um novo olhar sobre as relações e processos ambientais, econômicos e sociais, orientada por um novo perfil de escola do campo, que prioriza o saber voltado para a realidade vivenciada, baseando-se em práticas pedagógicas que valorizem a Agroecologia e contribuam com a concretização de uma proposta popular de educação para as populações campesinas.

As práticas realizadas na horta escolar partindo da integração da Agroecologia e Educação do Campo possibilitam a reinvenção do fazer pedagógico, através da criação cotidiana de uma alternativa curricular diferenciada e mais dinâmica. De tal modo, o texto tem como objetivo refletir sobre os temas da educação do campo como educação popular e agroecologia no contexto da educação popular do campo partindo das experiências vivenciadas em duas escolas municipais do município de Ipangaçu-RN, nas comunidades de Tabuleiro Alto e Picada.

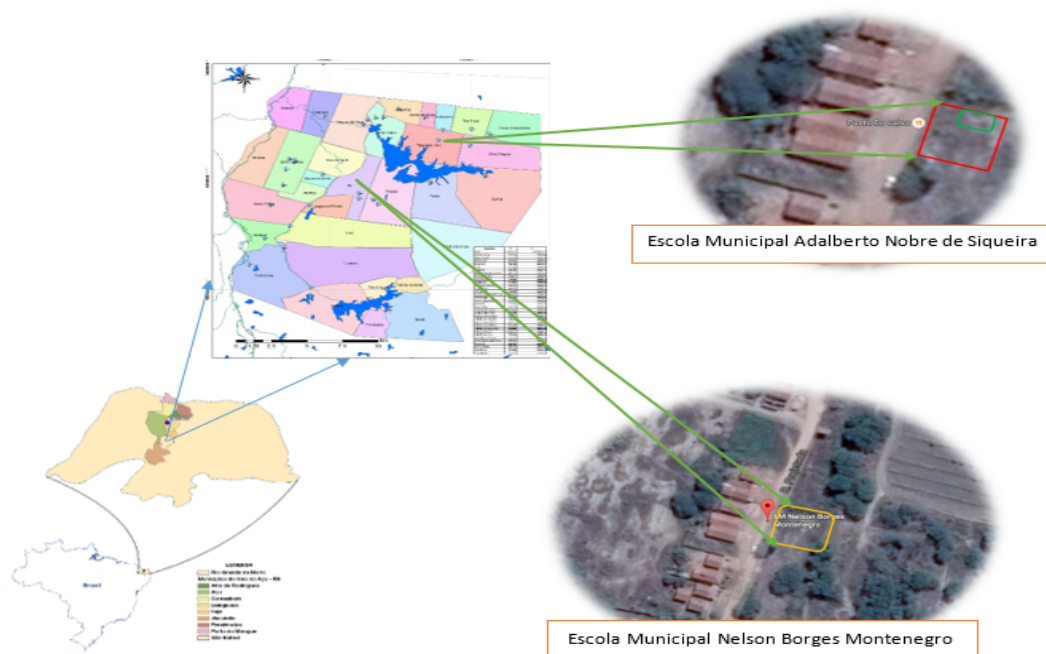
METODOLOGIA

O referido estudo desenvolve-se no terreno da educação, alicerçado na perspectiva da pesquisa qualitativa, que se preocupa com a percepção dos sujeitos sobre os processos sociais e a repercussão dos processos para a reconstrução das percepções e ressignificação social (FLICK, 2009). Podemos caracterizar a pesquisa como bibliográfica mediante a consulta de autores sobre Educação Popular do Campo, Agroecologia e Horta Escolar; e pesquisa empírica pela entrevista realizada com os dois educadores de Agroecologia das duas escolas municipais que atuam no Projeto de Extensão Tecnológica desenvolvido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, “Educação do Campo e agroecologia: reconstruindo tecnologias sociais nas escolas do campo”. O projeto é financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) com vigência de janeiro de 2015 a dezembro de 2016.

Epistemologicamente, sustentamos que o campo conceitual da Educação do Campo tem seu núcleo na Educação Popular, como uma metamorfose dessa perspectiva teórico-prática que se



reinventa desde seu surgimento de acordo com as demandas populares. Essa Educação Popular do Campo se encontra fortalecida mediante a linguagem, os valores e os *ethos* que a Agroecologia reconstrói, enquanto estilo de vida e ciência (CAPORAL, 2009). A pesquisa foi realizada no período de maio a agosto de 2016, com dois educadores das escolas municipais de Tabuleiro Alto (Escola Municipal Adalberto Nobre de Siqueira) e o outro da comunidade de Picada (Escola Municipal Nelson Borges Montenegro) ambas localizadas no município de Ipanguaçu – RN (Figura 1).



Fonte: Acervo pessoal,2016.

Figura 1: Localização das escolas.

Este estudo foi desenvolvido no IFRN - Campus Ipanguaçu organizado pelo grupo de pesquisa COLETIVO TERRES o qual fazemos parte, é um estudo de caráter qualitativo e, para atender aos objetivos da pesquisa, a coleta de informações foi dividida em cinco momentos: pressupostos teórico-metodológicos, elaboração de um questionário com 14 perguntas subjetivas, aplicação do mesmo, transcrição da entrevista e construção deste artigo.

Os sujeitos da pesquisa foram os educadores Bartira Haranaia da Silva e Emerson Emanuel Silva de Carvalho que autorizaram a sua identificação, ambos monitores de atividades agroecológicas no projeto de extensão tecnológica mencionados. Realizada a entrevista, partimos então para a transcrição das entrevistas impressa e dos áudios (com duração de 30 minutos cada



uma) depois de transcrita redigimos um texto comparativo, tentando relacionar as informações adquiridas nas entrevistas e dos pressupostos metodológicos dos autores da área.

O percurso desse artigo se concretizou através do levantamento de fontes, da análise crítica da documentação existente, de visitas as duas escolas públicas municipais do campo no município de Ipanguaçu-RN, bem como da apropriação do referencial teórico necessário para a realização das discussões propostas. Tais como: Arroyo, Caldart e Molina,2011(Por uma educação do campo); Paulo Freire,2001(Extensão ou Comunicação?); Evandro Ghedin,2012(Educação do Campo: Epistemologia e práticas); Porto Araujo,2011 (Relação entre os saberes na construção de uma escola popular do campo); Penteadó,2010(Meio ambiente e formação de professores) e Theodoro et al, 2009 (Agroecologia: um novo caminho para a extensão rural).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Educação do Campo é uma perspectiva que nasce através da luta popular, com as reivindicações dos Movimentos Sociais do Campo, buscando a construção de uma proposta popular de educação, como um direito e não como uma doação ou como uma política compensatória, que considere o espaço e as relações sociais de seus agentes (PORTO ARAÚJO, 2011).

Corroborando com essa concepção Gliessaman (2005) fala que,

A agroecologia proporciona o conhecimento e a metodologia necessários para desenvolver uma agricultura que é ambientalmente consistente, altamente produtiva e economicamente viável. Ela abre a porta para o desenvolvimento de novos paradigmas da agricultura, em parte porque corta pela raiz a distinção entre a produção de conhecimento e sua aplicação. Valorizando o conhecimento local e empírico dos sujeitos, a socialização desse conhecimento e sua aplicação ao objetivo comum da sustentabilidade.

Neste sentido, a agroecologia se coloca, sobretudo em uma perspectiva real de reorganização do território baseado em valores camponeses, que se manifestam na cultura, na política, na economia, e em outras dimensões da vida.

A Educação do Campo integrada a agroecologia forma-se um meio pelo qual a política econômica se efetiva na sociedade, sendo assim um projeto político econômico de organização do território camponês, exigindo uma educação camponesa que vá para além da instituição escola, ou



seja, vários espaços e momentos de uma determinada comunidade camponesa se transformam em educativos como a própria escola.

A educação para os povos do campo é trabalhada a partir de um currículo essencialmente urbano e, geralmente, deslocado das necessidades e da realidade do campo. Mesmo as escolas localizadas nos centros urbanos têm um currículo e trabalho pedagógico, na maioria das vezes, alienante, que difunde uma cultura pobre.

Por essa razão os conhecimentos agroecológicos interligados a Educação do Campo é uma forma de mostrar que o campo faz parte do mundo e não é a sobra além das cidades. Essa junção revitaliza a identidade dos sujeitos do campo, mas ligadas a processos de formação bem mais abertos, que não abancam nem completam nela mesma e que também ajudam na tarefa imponente de fazer a terra ser mais do que terra.

Buscando investigar como os sujeitos que atuam na educação do campo concebem esse processo, entrevistamos dois monitores de atividades de agroecologia das escolas a respeito da concepção que balizam suas práticas. Uma das falas nos chamou atenção, pelo fato de reconhecimento crítico que as escolas presentes no espaço rural, ainda têm limitações para tornarem-se de fato ‘Do Campo’. Veja-se, a título de explicação, o que diz o entrevistado Carvalho (2016),

Infelizmente, a gente ainda não está envolvido com o processo de educação do campo, porque as escolas do campo não estão preparadas. São escolas “copiadas”, certo. As escolas do campo não estão preparadas porque os seus PPP’s, são ainda voltados para os espaços onde as escolas estão, eles são uma coisa copiada de outras escolas, indo de cima para baixo e eu não considero que as escolas do campo são escolas realmente voltadas para o campo, mas sim escolas que ainda enfrentam esse desafio de aprendizagem. Por que não repassar para os meninos do campo os conteúdos direcionados ao campo? E como fazer isso? Certo. Mais com a nossa luta, eu acho que bem próximo e muito em breve a gente já vai ter escolas realmente do campo.

Diante dessas reflexões, vale não pensar em uma proposta de escola do campo, dentro de um ideário pedagógico pronto e fechado, mas, ao contrário, é pensar em um conjunto de transformações que a realidade vem exigindo/projetada para escola. Segundo Caldart (2012, p.151),

Por isso este movimento por uma educação do campo se afirma como um basta aos “pacotes” e a tentativa de fazer das pessoas que vivem no campo instrumentos de implementação de modelos que as ignoram ou escravizam. Basta também desta visão estreita de educação como preparação de mão de obra e a serviço do mercado. Queremos participar diretamente da construção do nosso projeto educativo; queremos aprender a pensar sobre a educação que nos interessa



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

enquanto seres humanos, enquanto sujeitos de diferentes culturas, enquanto classe trabalhadora do campo, enquanto sujeitos das transformações necessárias em nosso país, enquanto cidadãos do mundo...

A citação é muito feliz em relação aos aspectos utópicos de uma Educação do Campo, uma vez que a diversidade de práticas, valores e concepções são fundamentais para o processo de construção viável de uma escola do campo e não para o campo. Corroborando com essa posição, nossa entrevistada Silva (2016), afirma:

Que ao chegar lá eles se deparem com coisas de qualidade com coisas novas tipo horta na escola que não eram tidas nem vistas neh, com atividades extras que não leve o aluno da zona rural, o aluno do campo de fato interagir com coisas que desnobre ele a sair da escola, esse é o meu ponto de vista, é uma das teclas que eu bato que eu quero de fato que aconteça no campo neh, que os meninos que moram na zona rural, que estuda na escola do campo, que eles tenham uma escola de qualidade, que não precisa ter escola de qualidade só na cidade , na zona urbana, o campo também necessita de escolas de qualidade neh, assim que eles referencie a escola de onde veio.

O campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só o lugar da produção agropecuária e industrial, do latifúndio e da grilagem de terras. O campo é espaço e território dos camponeses e dos quilombolas (FERNANDES, 2011, p.137).

Diante dos pontos mencionados, podemos falar que a Educação do Campo não é uma simples atuação pedagógica, mas sim um conjunto de ações que envolve a participação popular e volta-se para construção coletiva de uma sociedade. Por essa razão, não se trata de sugerir uma escola do campo, mas o conhecimento e a reconstrução de identidade dos sujeitos que ajudem a formar a nova sociedade. Partindo do pressuposto que a Educação do Campo abrange que a escola pode colaborar com o entendimento dos novos sujeitos sociais que vem compondo o campo. Carvalho (2016) considera que,

Á escola é quem disciplina , eu acho é quem educa ou contribui com a educação, por que na realidade quem educa é quem conhece o processo de educação são os pais , mas a escola continua esse processo e a escola ainda não está preparada para fazer, ou seja, ainda não está fazendo o que a gente espera, que é educar e disciplinar e encaminhar os alunos para que eles terminem por exemplo o ensino normal e ingresse no instituto técnico, não existe isso nas escolas hoje e o projeto vem ensinando que apesar de tudo e de todas as dificuldades a gente pode produzir com água com teor de sal, bem elevado pode ter uma produção. Então dizer que muitas vezes a água salobra não dá nada, isso é conversa. Eu acho que se a gente se esforça tudo que a gente persevera alcança, embora a dificuldade seja maior. Apesar das dificuldades a gente vem superando os tropeços ao longo da caminhada, mais graças a Deus a educação vem de forma lenta, certo ou errado, vem sendo feito e o projeto vem caminhando e a gente vem atingindo as metas durante as etapas que vem passando.



Borges e Silva (2012, p. 215) ressaltam a necessidade de reflexões sobre o trabalho pedagógico dos educadores para que venha,

Viabilizar a concepção de Educação do Campo nas escolas do campo. A Educação do Campo, no aspecto pedagógico, fundamenta-se no processo formativo, que relaciona prática e teoria nos processos de aprendizagem, ou melhor, que trata de um currículo crítico, contextualizado e cultural que exija respostas práticas dentro de uma relação com saberes elaborados encontrados nos livros, ligados aos saberes tradicionais, do cotidiano dos educandos e de seus familiares.

As reflexões sobre os processos educativos do campo forçam a percepção da complexidade que representa a concretização de um projeto de educação popular do campo, processo que enfrenta diversas dificuldades, que não devem ser esquecidas nem tão pouco menosprezadas. A afirmação da entrevistada Silva (2016), reforça esse momento crítico:

Para mim educação do campo, assim eu já venho teclando, estudando, lendo, vendo outras coisas que falam da educação do campo neh, educação do campo é você ter de fato educação e qualidade lá, educação com responsabilidade para os meninos do campo, para que eles não sintam interesse de não ir para a escola, aí eu vou gasear aula porque lá não é interessante, eu vou para lá porque eu não quero ficar em casa, não!

A escola para ser popular precisa ter sentido para a meninada. Precisa fazer uma religação entre os saberes, validando os saberes populares que foram renegados. De acordo com Santos (2004, p. 19) “a questão não é estar em atribuir igual validade a todos os tipos de saberes, mas antes em permitir uma discussão pragmática de critérios de validade alternativas, que não desqualifique os sujeitos”.

Superar essa dicotomia entre as representações sobre as escolas no campo, vislumbrando as possibilidades de constituição de uma escola popular do campo, reinventando as relações de saberes apoiadas nas práticas que ocorrem no interior das salas de aula, na prática docente, integrando o que já vem sendo realizado e as possibilidades de incorporação de novas ações para atender as novas demandas e funções dessa escola é uma tarefa essencial nas pesquisas e práticas de Educação Popular do Campo (PORTO ARAÚJO, 2011, p.71).

A horta inserida na escola do campo pode ser capaz, através de práticas de manejos agroecológicas propor uma reflexão e construção de diferentes estratégias para mudanças de hábitos e comportamentos danosas ao meio ambiente. A mesma é capaz de implementar e difundir conhecimentos e práticas através da horta agroecológica trabalhar a educação ambiental que contribuirá para a transição de ações de degradação ambiental para ações sustentáveis.



Dialogando com esse pensamento Carvalho (2016) entende que implantação da horta na escola permitiu,

Usarmos o fruto para alimentação escolar e conseqüentemente para alimentação dos meninos e aí a gente começou a produzir: mamão, produzimos com as ervas medicinais o lambedor que é outra tecnologia social e aí a gente evita do menino comprar o remédio. Porque na horta escolar tem as ervas medicinais então automaticamente faz a colheita e aí o menino leva para sua casa e faz o lambedor para gripe, inflamação além disso fizemos também as colheitas das hortaliças. Tínhamos também uma horta anexa à escola na lagoa onde se produziu alface, coentro e dessa produção nós conseguimos comprar umas aves para cada menino que aí se torna uma tecnologia social, por que com o excedente que sobrou, nós comercializamos e aí investimos no comprar de aves, por que se o menino tem a ave ele vai ter uma ocupação, além de ocupação ele vai ter uma produção que é outra tecnologia social, a partir do projeto. E é muito importante, por que aí a gente inseri a comunidade nesse processo além da escola e os meninos a gente pode inserir os pais e mães que assim queiram contribuir que o projeto fique, certo. Não que seja um projeto passageiro, mas sim, que seja um projeto permanente. No início alguns meninos tinham sua própria horta em casa, mais como a gente tem o problema de água salgada e o racionalmente, nos últimos anos a gente vem sofrendo com a seca.

Quando falamos em educação do campo, surgem algumas questões fundamentais a respeito das concepções que temos sobre o mundo, sociedade, homem, educação, entre outros que carregamos em nossa construção pessoal e que vão fazer na forma de entender e construir nossa ação pedagógica (COSTA, 2012 p.120).

Na fala do nosso entrevistado, percebemos que o mesmo tenta relacionar suas ações pedagógicas às práticas agroecológicas a educação ambiental, conhecimentos adquiridos na escola do campo.

Eu acho que tudo tem que caminhar junto, educação ambiental é o cuidado que a gente manuseia o espaço onde a gente vive, que é o campo. Eu acho que é a educação do campo é a educação que toda escola de campo deveria fornecer aos seus educandos e a agroecologia é a junção disso tudo é o conhecimento das práticas das ações e da teoria (CARVALHO, 2016).

Diante disso fica clara a necessidade de criar novos mecanismos pedagógicos que integrem a vida escolar do aluno com a vida social. Na fala da entrevistada a mesma relata que a educação do campo e agroecologia se estão ligadas a vida do aluno, esse aprenderá a valorizar seu lugar e a buscar alternativas para continuar no campo, não necessitando se deslocar da comunidade onde está inserido, para outras, o aprendizado acontece em sua própria comunidade.

Eu acho que agroecologia e Educação do Campo tem tudo haver, aí agroecologia com a educação do campo é um fator que une, é uma coisa que vem a somar, porque quando a educação do campo precisa da agroecologia ela já está de fato neh, ela não precisa ir buscar recursos fora, fazer lá para se aprender lá neh, eu não



preciso tirar o meu aluno lá de Tabuleiro Alto para trazer para Luzeiro, porque eu posso desenvolver lá em Tabuleiro, a minha temática em agroecologia. Eu acho que em minha opinião está ligadíssima é uma ligação que deu certo e que soma neh (SILVA,2016).

Nesse sentido a agroecologia apresenta-se como oportuna na composição de um projeto de Educação do Campo na medida em que promove a elaboração de conhecimentos teóricos e práticas que permitem vivências e modos de produção no campo, baseando-se em valores como a solidariedade e o cuidado. “Agroecologia e educação do campo não são fantasias utópicas, são dimensões práticas e teóricas indispensáveis à transformação societária da ordem vigente” (ROSSI, 2015).

Defendemos, portanto uma educação popular do campo, para todos os grupos sociais que compõe o campo brasileiro. Dessa maneira, compreendemos ser justa e necessária a luta daqueles que buscam uma educação popular do campo, tendo em vista que esse movimento pode criar as condições materiais para se efetivar uma educação que integre os processos sociais, produtivos, culturais, éticos, técnicos, e contribua para a transformação paulatina do campo. No entanto, não queremos defender o isolamento das populações camponesas em uma espécie de aprisionamento cultural, mas reivindicando a especificidade do processo educativo para essa população.

Contudo sabemos que ainda existem lacunas relacionados aos conhecimentos sobre a Educação do campo e Agroecologia e o pouco que sabemos são frágeis, por isso é fundamental o diálogo contínuo nas escolas do campo para que haja o fortalecimento efetivo do fazer acontecer a educação do campo e não para o campo. Lutamos para desmistificar essa ideia de que se estuda para sair do campo. Todavia a escola do campo que almejamos é um espaço onde os discentes e comunidade escolar possam externar satisfação da sua origem e do seu destino não pelos seus problemas vivenciados no campo, mas porque estão preparados para enfrenta-los de maneira coletiva.

CONCLUSÕES

Neste estudo buscamos compreender “Como a horta escolar pode contribuir para a integração entre Educação do Campo e Agroecologia nas escolas localizadas no campo? ”.

Portanto, a Horta Escolar nessa relação tem sido mediadora da Educação do Campo e da Agroecologia como uma forma de permitir a discussão sobre a importância da valorização da Educação do campo através das atividades na horta e, especialmente a partir dos conhecimentos



Agroecológicos, considerando como um modo diferente de reinventar o fazer pedagógico, através do diálogo diário de uma alternativa curricular emancipatória, cujo resultado vai ao encontro da ideia de uma educação do campo que respeite os seus espaços e seus sujeitos e suas peculiaridades aproximando-se de uma Educação de qualidade e procurando apreender a dinâmica social como aporte de conhecimento e aprendizado.

Temos que pensar uma educação voltada para os sujeitos do campo procurando envolver todos nesse processo, ou seja, de forma que possibilite a reflexão e problematização da realidade local a qual cada sujeito encontra-se inserido.

Neste contexto a Horta escolar se assenta como um espaço pedagógico-dialético de construção de conhecimento a partir da realidade contraditória, que se efetiva através do diálogo, elemento chave da integração entre Educação do Campo e Agroecologia. Construir um conhecimento agroecológico na sociedade atual exige de nós a superação da dicotomia entre conhecimento científico e empírico, onde nenhum nem outro se coloca num plano de maior ou menor importância, mas se complementam por uma necessidade histórica.

Os questionamentos levantados neste artigo significam uma pequena contribuição para as discussões e debates no tocante a Educação do Campo, apreendemos que ela deve estar ajustada em princípios que respeitem a realidade dos indivíduos, para garantir que as escolas do campo possam não apenas estar “no”, mas “ser do campo” a educação tem que considerar os anseios de seus sujeitos respeitando seus sentimentos, conflitos, sonhos, desejos e realidades.

Todavia, apreendemos que a Educação do Campo é específica, no entanto não é antagonista das escolas da cidade. É uma especialidade, porque, na Educação do Campo, o saber é arquitetado de forma contextualizada, ou seja, considera os espaços e a realidade que cerca o educando, sua vida, seu trabalho, sua vivência social, suas manifestações culturais.

Norteados nessas ponderações e dos relatos dos entrevistados, apreendemos que é necessário a construção de saberes voltados para as escolas do campo significa conduzir a escola para a realidade no qual está inserida, ou seja, reconhece o campo não apenas onde se reproduz, mas também lugar que se constrói saberes.

Defendemos aqui uma proposta de Educação do Campo interligada a Agroecologia, que é capaz de formar integralmente as pessoas garantindo a sua integridade, conhecendo suas singularidades, confiando que esta educação sirva como um redesenho da vida, a dignidade dos sujeitos do campo.



Partindo da concepção do fortalecimento de uma agroecologia popular possibilitando e corroborando com agroecologia na tríade ciência, prática e movimento social que, construída em diálogo com a Educação do Campo, apresentam potencialidades nos processos de transformação do campo brasileiro.

Todos nós devemos enquanto estudantes e educadores que estudam agroecologia, ter em mente que a educação do campo dialoga muito bem com a agroecologia, todavia ambas as temáticas são incompatíveis com o modelo de agricultura capitalista que exclui os sujeitos do campo exatamente porque eles representam a exclusão da maioria e a morte dos camponeses. No campo também deve ter vida digna respeitando suas diferentes identidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Heloísa da Silva; SILVA, Helena Borges da. **A Educação do campo e a organização do trabalho pedagógico**. In: GHEDIN, Evandro (org.). Educação do Campo: Epistemologia e práticas. São Paulo: Editora Cortez, 1ª ed., 2012.

CALDART, Roseli Salette. **Por Uma Educação:** traços de uma identidade em construção. In: ARROYO, Miguel Gonzalez. CALDART, Roseli Salette. MOLINA, Mônica Castagna (org.). Por uma Educação do Campo. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 5ª ed., 2011.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia:** uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. In: Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade Francisco Roberto Caporal (org.). José Antônio Costabeber. Gervásio Paulus. – Brasília: 111 p.; 12cm.

CARVALHO, Emerson Emanuel Silva de **Horta na escola:** integrando agroecologia e educação do campo. Ipanguaçu-RN, 01 de agosto de 2016. Entrevista cedida as discentes Luany Gabriely da Silva, Ana Paula Pereira do Nascimento, Francisca das Chagas de Oliveira e Talita Geórgia da Cunha.

COSTA, Lucinete Gadelha da. **A educação do campo em uma perspectiva da educação popular**. In: GHEDIN, Evandro (org.). Educação do Campo: Epistemologia e práticas. São Paulo: Editora Cortez, 1ª ed., 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Diretrizes de uma Caminhada**. In: ARROYO, Miguel Gonzalez. CALDART, Roseli Salette. MOLINA, Mônica Castagna (org.). Por uma Educação do Campo. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 5ª ed., 2011.



FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias costa. – 3ª Ed. – Porto Alegre: Artmed 2009.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 3ª ed.- Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Meio ambiente e formação de professores**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2010 (Coleção questões da nossa época; v.13).

PORTO ARAÚJO, Monalisa. **A relação de saberes na construção de uma escolar popular do campo**. 2011. 211 f.: il. Dissertação (Mestrado em Educação) - UFPB/CE, João Pessoa.

ROSSI, Rafael. Educação do campo e agroecologia: da perspectiva reformista a necessárias práxis revolucionária. **Revista Ed. Popular**, Uberlândia, V.14, n.1, p.171-174, jan. /jun. 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O Fórum Social Mundial: Manual de Uso**. Madison: FEUC, 2004, p.19.

SILVA, Bartira Haranaia da. **Horta na escola: integrando agroecologia e educação do campo**. Ipanguaçu-RN, 01 de agosto de 2016. Entrevista cedida as discentes Luany Gabriely da Silva, Ana Paula Pereira do Nascimento, Francisca das Chagas de Oliveira e Talita Geórgia da Cunha.

THEODORO, Suzi Huff, DUARTE, Laura Goulart, VIANA, João Nildo (org.). **Agroecologia: um novo caminho para extensão rural sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.